



## **A CONSERVAÇÃO COMO FORMA DE MANUTENÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: o caso da Società Italiana di Mutuo Soccorso, Piracicaba - SP**

**LIMA, Máira de Luca e. (1)**

1. Urbanismo Universidade de São Paulo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Av. Trab. São Carlsense, 400 - Centro, São Carlos - SP, 13566-590  
Limaluca.maira@usp.br

### **RESUMO**

A cidade de Piracicaba - SP recebeu um grande contingente de imigrantes italianos entre os séculos XIX e XX e isso tem grande reflexo na configuração cultural da população ali residente. Considerada "a casa dos italianos em Piracicaba", a Società Italiana di Mutuo Soccorso, que abrigava e acolhia "os filhos da Itália" nos séculos passados, é um marco hoje não apenas para seus descendentes, mas para todos que se identificam naquela cultura. Preservar essa memória não é apenas preservar o monumento, mas igualmente toda cultura enraizada na sociedade piracicabana. Em seu texto "O estrangeiro", Simmel (2005) caracteriza como estrangeiro a figura que marca e caracteriza, através do anonimato, a cidade, o espaço urbano contemporâneo. Por suas particularidades, diferencia-se da população do local em que se fixa, podendo nunca se inserir totalmente em grupos locais e, muitas vezes, nem mesmo seus descendentes. À vista disso, ações preservacionistas em relação aos monumentos da sociedade moderna são tidas como importantes para a memória coletiva, visto que criam uma ponte afetiva, sensorial, cognitivo entre passado x presente. Alois Riegl é importante figura para os estudos de conservação dos monumentos, visto que leva em consideração as diferentes percepções que os mesmos causavam nos indivíduos. Bens históricos são valiosas fontes de história e memória.

**Palavras-chave:** Conservação; memória coletiva; italianos; Piracicaba.

### **Resumen**

*La ciudad de Piracicaba - SP recibió un gran contingente de inmigrantes italianos entre los siglos XIX y XX y esto tiene gran reflejo en la configuración cultural de la población allí residente. Considerada "la casa de los italianos en Piracicaba", la Società Italiana di Mutuo Soccorso, que albergaba y acogía a "los hijos de Italia" en los siglos pasados, es un hito hoy no solo para sus descendientes, sino para todos los que se identifican en aquella cultura. Preservar esa memoria no es solo preservar el monumento, sino también toda cultura enraizada en la sociedad piracicabana. En su texto "El extranjero", Simmel (2005) caracteriza como extranjero la figura que marca y caracteriza, a través del anonimato, la ciudad, el espacio urbano contemporáneo. Por sus particularidades, se diferencia de la población del lugar en que se fija, pudiendo nunca insertarse totalmente en grupos locales y, muchas veces, ni siquiera sus descendientes. A la vista de esto, acciones preservacionistas en relación a los monumentos de la sociedad moderna son tenidas como importantes para la memoria colectiva, ya que crean un puente afectivo, sensorial, cognitivo entre pasado x presente. Alois Riegl es importante figura para los estudios de conservación de los monumentos, ya que tiene en cuenta las diferentes percepciones que los mismos causaban en los individuos. Los bienes históricos son valiosas fuentes de historia y memoria.*

**Palabras clave:** Conservación; memoria colectiva; italianos; Piracicaba.

## INTRODUÇÃO

Imagem viva do passado, o patrimônio é signo da memória e importante forma de interação entre passado e presente, de modo a transmitir todo um legado e identidade às gerações presentes e futuras. Desse modo, a preservação do bem, no estado físico em que se encontra, é primordial, uma vez que há pretensão de desacelerar a sua degradação, buscando prolongar e salvaguardar o patrimônio cultural.

O indivíduo, parte da sociedade e ambiente em que vive, desenvolve, junto aos outros membros dessa sociedade, a história local, herdando às futuras gerações, através dos produtos criados e das intervenções no ambiente, documentos para o entendimento da história humana pelas gerações futuras. A destruição dos bens herdados das gerações passadas provoca o rompimento dos elos da história e da memória de um povo. Em vista desses fatos, a conservação de um bem, assim como a tomada da consciência por parte da população, torna-se elementos indispensáveis a fim da diminuição de impactos sobre ambiências em que se situam os bens.

A Società Italiana di Mutuo Soccorso, localizada cidade de Piracicaba – SP, é símbolo da contribuição e legado dos italianos na cidade. Também, é expressão para toda a população que, apesar de não possuir ascendência italiana, interessa-se pela cultura desse povo.

Hoje, o edifício abriga poucas atividades fixas ligadas à cultura, sendo a língua italiana e o curso de história da arte atividades fixas e, esporadicamente, acontecem alguns pequenos cursos como, por exemplo, o de fotografia. Também, o último inventário a respeito do imóvel tombado foi realizado em 2003, após último restauro que o patrimônio passou.

O presente trabalho investigou a memória coletiva dos italianos e seus descendentes na cidade interiorana de Piracicaba – SP, tendo em vista o edifício tombado da Società Italiana di Mutuo Soccorso que, desde sua fundação, datada de 1887, tinha por objetivo ajudar os filhos da Itália, unir os imigrantes, realizar apresentações de danças, teatro, música, jogos, bailes, ensinar o idioma falado nas terras em que se fixaram.

Em seu texto “O estrangeiro”, Simmel (2005) caracteriza como estrangeiro a figura que marca e caracteriza, através do anonimato, a cidade, o espaço urbano contemporâneo. Por suas particularidades, diferencia-se da população do local em que se fixa, e, por essas mesmas razões, nunca se insere totalmente em grupos locais e, muitas vezes, nem mesmo seus descendentes. A relação instituída entre estrangeiros e habitantes locais nem sempre é harmônica, amistosa, podendo configurar-se em distanciamentos e desprezo, por ambas as partes, quando esta relação é observada através das diferenças entre eles.

Em uma matéria publicada pelo Jornal de Piracicaba, em 2014, pode-se ter conhecimento da importância da cultura e memória italiana para os piracicabanos, uma vez que sua população é formada, em maioria, por descendentes dos italianos e até mesmo de italianos natos que se fixam na cidade. Desse modo, os costumes, tradições e hábitos alimentares perpetuaram-se na cidade de modo a construir uma identidade não apenas italiana, mas piracicabana.

Partindo do princípio de que existe história dentro da história, a memória ligada aos italianos não está simplesmente no fato deles terem vindo se reestabelecer e construir uma nova vida no Brasil. Logo, foi primordial uma maior investigação acerca da origem dessa memória, buscando por origens e definições. Não obstante, buscar compreender o motivo desses estrangeiros terem vindo para o Brasil, em especial do estado de São Paulo e, por fim, Piracicaba, foco desse estudo – que se propôs a entender a causa que reflete na conservação do patrimônio já consolidado não apenas entre os italianos e seus descendentes, mas na memória dos piracicabanos.

## **A QUESTÃO IMIGRATÓRIA**

Na primeira metade do século XIX, o Reino Unido, grande potência da época, pressionava os países a fim de acabar com o tráfico negreiro e, conseqüentemente, abolirem a mão-de-obra escrava. Apesar de alegarem questões humanitárias, o interesse econômico dos ingleses era claro: o fim da escravidão aumentaria o mercado consumidor brasileiro, pois os ex-escravos disporiam de renda para consumir produtos britânicos.

Desde a Independência do Brasil, os ingleses pressionavam o governo brasileiro a fim de acabar com o tráfico e, como resposta, em 1831, foi autorizada a “lei para inglês ver”, a qual considerava livres os africanos que desembarcassem nos portos brasileiros após aquele ano. Devido ao não cumprimento da lei, resultado da mancomunação entre elites políticas e autoridades do governo, em 1845, os ingleses aprovaram o Bill Aberdeen, proibindo o tráfico de escravos. O Brasil persistiu por cinco anos contra a lei dos ingleses até que, em 4 de setembro de 1850, a Lei Eusébio de Queirós foi aprovada, extinguindo o tráfico de escravos para o Brasil. Com a aprovação da Lei Eusébio de Queirós, o fim da escravidão se tornou uma questão de tempo. Os fazendeiros da época começaram a ver o trabalho livre do imigrante como uma alternativa à mão de obra escrava, tendo o sistema de colonato se consolidado como uma opção apta e segura.

A abolição da escravatura na França e nos Estados Unidos da América colocou fim no último argumento sustentado pela aristocracia escravista brasileira em defesa da continuação do regime escravista. As elites brasileiras, refletindo apenas interesses pessoais, declaravam que o fim da escravidão resultaria em uma crise econômica do país. Contudo, o cenário internacional mostrava o contrário, uma vez que nos países em que a escravidão havia acabado, o desenvolvimento era intensificado.

O Brasil passou 21 anos sem criar ou reforçar qualquer medida que realmente efetivasse o fim da escravidão. Em 1871, foi criada, então, a Lei do Ventre Livre, primeira lei abolicionista do país, a qual tornava livres os filhos de escravos (a partir da data) nascidos no Brasil. Porém, o liberto deveria permanecer trabalhando na propriedade do senhor até 21 anos de idade.

As pressões internas passaram a ser grandes em favor da abolição total dos escravos. A partir da década de 1880, começaram a efervescer manifestações populares em várias partes do Brasil. Os intelectuais e componentes da classe média urbana eram o principal grupo que reivindicavam o fim da escravidão. Além disso, começaram a ocorrer fugas e revoltas por parte dos escravos, em especial do Sudeste do país.

Em 1885, foi estabelecida a Lei dos Sexagenários, a qual dava liberdade aos escravos com mais de 65 anos, até que, em 1888, a Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea, colocando fim definitivo à escravidão dos africanos no Brasil.

## **O estado de São Paulo**

A imigração italiana foi expressiva no Brasil, tendo atingido seu pico entre os anos de 1880 e 1930, sendo o estado de São Paulo o maior concentrador da mesma. Os italianos começaram a imigrar em número significativo para o país a partir de 1870, tendo sido impulsionados pelas transformações socioeconômicas na Itália, bem como pela unificação italiana.

Em um primeiro instante, o imigrante que aqui se estabelecia devido à falta de política imigratória definida conseguiu se inserir na sociedade, pois servia-se de quem estava acessível no mercado, não com a imigração abastada, desejo dos fazendeiros do café do Oeste Paulista. Desse modo, Itália se transforma em uma das maiores fornecedoras de mão de obra barata no século XIX. O fenômeno emigratório italiano “decorreu da expansão do capitalismo, que introduziu a Itália a se desfazer, entre emigrantes temporários e permanentes, de nada menos que ‘20 milhões de indivíduos, entre 1861 e 1940, dos quais dezessete milhões, ou seja, 85% saíram entre 1861 e 1920’” (SORI, 1979, pp.19-20 *apud* ALVIM, 1986, p. 24).

A imigração italiana foi fundamental para o estado de São Paulo no período entre 1870-1920 e, segundo Alvim (1986), pode ser dividida em três fases:

1. 1870-1885: caracterizada pela articulação do grupo do Oeste paulista, bem como à desagregação da mão de obra escrava. Primeiras tentativas de se apoiar a produção de café com mão de obra livre. Ausência de política imigratória definida;
2. 1885-1902: novo grupo no poder- fazendeiro do Oeste paulista - mesmo período em que o mercado de trabalho se alicerça na mão de obra livre, criando uma política imigratória, basicamente apoiada no imigrante italiano
3. 1902-1920: poder político do novo grupo permanece inalterado e, no país todo, se consolida a política imigratória iniciada em São Paulo. A diferença se deu pela queda da entrada de italianos no Brasil, porque além de se sentirem atraídos pelo mercado de trabalho norte-americano, houve restrições fixadas pelo Decreto Prinetti, no qual o governo italiano, em 1902, censurou a vinda desenfreada dos italianos para o Brasil.

De acordo com Perrod (1884) e Agia (1882), ambos autores citados por Alvim (1986), nesses contratos, o autor dos mesmos era autorizado a prometer, nos folhetos de propaganda, que assim que desembarcassem no Brasil, os italianos

teriam terras, alimentos, podendo se tornar, em questão de alguns meses, patrões e donos de latifundiários. Antes da criação da Sociedade Promotora da Imigração (SPI), a opção dos imigrantes para o Brasil era devido à miséria que assolava o campo italiano. Devido ao sucesso da imigração em São Paulo, o discurso adotado pela SPI, a fim de atrair os italianos para nosso país, deixa claro o conhecimento do campo italiano e que sabiam agir em detrimento à situação lastimosa em que se encontrava àquela população. Queriam fazer com que as famílias já instaladas no Brasil atraíssem seus parentes ainda na Itália e anunciavam passagens gratuitas às famílias de imigrantes que desejassem deixar o país de origem, respaldando-se em uma política de aceno à reconstrução dos núcleos familiares, respaldada, também, nos contratos familiares instituídos nas fazendas paulistas.

Durante a existência da SPI (1886-1895), compreendiam-se 480.896 imigrantes em São Paulo, sendo 354.139 italianos. Desse total, 220 mil vieram por intermédio da SPI. Com a promulgação da Constituição de 1891, um dos pilares ideológicos republicanos, através do federalismo, os estados possuíam autonomia de ação de interesses, a qual os livrava de qualquer contratempo em relação à introdução da mão de obra necessária às suas lavouras.

Em 1894, Prudente de Moraes lança candidatura como Presidente da República, contando com apoio das oligarquias e, eleito, garantiu a supremacia defendida pelos paulistas. Nesse momento, o preço do café cai em cenário mundial, ocasionando em graves problemas relacionados ao abastecimento de mão de obra devido à muitas fazendas, sem poder quitar seus comprometerimentos, passaram a solucionar seus problemas às custas da parte mais fraca da relação de trabalho, aumentando multas com intuito de prendê-los por dívidas.

Mesmo com crise, o plantio de café se manteve e até se iniciou em novas áreas. Contudo, com o agravamento da crise, bem como salários cada vez mais baixos, incitou os imigrantes a fugirem dessa condição de vida triste que se encontrava em São Paulo. Por esses atritos gerados entre italianos e brasileiros, desde 1892, o Governo italiano coibiu a imigração de quem não tinha condições de se manter por conta própria no Brasil, mas não conseguiu controlar movimentos clandestinos ou de subagentes.

Também, os emigrantes em potencial foram alertados sobre as condições enfrentadas no Brasil, seja por contrapropaganda daqueles que voltavam ou até por

cartas de parentes e amigos. Mesmo assim, o fluxo não foi estancando de modo significativo. Nessas cartas, eram comuns frases como: “de todas as promessas que nos fazem na Hospedaria dos Imigrantes, nem a décima parte é verdade” (FRANZINA, 1979, p. 137 *apud* ALVIM, 1986, p.52) e “é preferível estar numa prisão na Itália do que numa fazenda aqui (FRANZINA, 1979, p. 204 *apud* ALVIM, 1986, p.52).

A grande massa de italianos trabalhou em fazendas de café. A dificuldade de acumular capital fez com que imigrantes italianos abandonassem as fazendas rumo ao centro da cidade. A cidade de São Paulo chegou a ser conhecida como “cidade italiana”, pois esses imigrantes se ocuparam especialmente na indústria e nas atividades de serviços urbanos. Em 1901, os italianos correspondiam 90% dos 50.00 trabalhadores nas fábricas paulistas.

## **OS ITALIANOS EM PIRACICABA-SP**

A presença dos italianos em solo piracicabano torna-se notável no período entre 1850-1890, tendo alguns se naturalizado, a fim de obterem maiores privilégios em detrimento aos que optavam por manter a nacionalidade italiana (ALLEONI, 2003).

Ainda, de acordo com o autor:

Os entrados no Brasil entre 1861 e 1900 foi de 832.000. Os que não aceitaram a grande naturalização em Piracicaba foi de 1.126 homens. Considerando-se aleatoriamente que cada família possuísse esposa e dois filhos, o número total deveria estar próximo de 4.500. Exagerando, teríamos 5.000 italianos se junto considerássemos os naturalizados. Esta suposição mostra que 0,5% do total vieram para Piracicaba. Este dado deve-se provavelmente a múltiplos fatores, entre os quais podemos destacar não ser o município pólo cafeeiro nem núcleo colonial. Informações também podem ser observadas pelo Relatório à Assembléia Legislativa da Província de São Paulo do ano de 1885, que aponta a entrada de 4.387 imigrantes, sendo 1.978 italianos e que transferiram-se para Piracicaba 70 (3.59% dos italianos e 1.59% dos imigrantes). O relatório de 1888 mostra que dos 28.294 imigrantes, 387 (1.37%) vieram para Piracicaba (ALLEONI, 2003, p.69).

Em 1882, já se encontravam italianos residentes em Piracicaba que não estavam ligados à área de agricultura, como, por exemplo, Miguel Mancini, proprietário da Alfaiataria Tesouro d'Ouro. Também, nos jornais da época, quase não havia citações referentes aos italianos, mostrando totalmente descaso aos mesmos e, quando as encontravam, esses imigrantes eram citados como arruaceiros ou

peças perigosas. Contudo, havia grande ressalva quando se tratava dos naturalizados, que exerciam alguma atividade dentro do contexto social da cidade.

A colônia italiana que se estabelece em Piracicaba, notadamente no bairro Vila Rezende (década de 1890), veio para interligar o elo desse povo na cidade, mantendo língua, costumes e hábitos herdados dos antepassados, bem como um posicionamento resolutivo em questões de miscigenação (ALLEONI, 2003).

Algum número de italianos, naturalizados ou não, que se destacaram na sociedade desenvolveram atividades empresariais e sociais que geraram grande benefício para a população. Na grande maioria, estas pessoas eram de famílias abastadas e conseguiram rápida inserção na sociedade. Um exemplo é o italiano Carlos Zanotta, construtor italiano, que, juntamente ao engenheiro João Frick, resolveu o problema de abastecimento de água potável na cidade.

Os italianos encontravam amplos problemas de cidadania, bem como a busca de uma identidade (uma vez que ocorriam grandes choques culturais de raízes e eles não queriam cortar vínculos com a pátria de origem), educação (já estavam estabelecidos na sociedade, mas a aprendizagem era algo fundamental para a colônia italiana, uma vez que os italianos queriam para os descendentes algo que os havia sido negado), saúde, espaço e direito.

Era claro que se encontravam duas classes sociais dos imigrantes na cidade: os abastados e os sem condições monetárias. Os que possuíam condição financeira, usualmente eram comerciantes ou capitalistas, mostravam melhor relação com a filosofia da Nação e tinham maior tendência de se naturalizarem. Com maiores tendências republicanas que monarquistas, conseguiam maiores privilégios no meio que se inseriam. Contudo, é de importância ressaltar que sempre buscavam ajudar seus compatriotas em situação econômica inferior.

## **A SOCIETÀ ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO**

De acordo com Alleoni (2003, p.227):

Os italianos tinham que sobreviver dentro do ambiente inóspito que haviam optado. Alguns poucos imigrantes haviam chegado em melhores condições econômicas e monetárias e a grande maioria em situação adversa, inclusive sem condições para o acesso à assistência médica e medicamentos. Uns contando com maior experiência em enfrentar as situações que se apresentavam e outros seguramente dentro da ignorância muito maior, se



não for total, sobre as leis e costumes desta nova terra; uns poucos dominando a língua e outros totalmente alheios ignorantes ao português, era a diferença entre o sucesso e o fracasso nas ambições e metas que ocorriam na imigração. Havia, pois, a necessidade fundamental de melhor meio de comunicação, ciências dos fatos e auxílio mútuo. O primeiro passo foi organizarem-se em colônias, vivendo o máximo possível agrupados.

Fundada em 11 de dezembro de 1887, a Società, fundada por Carlos Zanotta, socorria e acolhia os imigrantes italianos que chegavam na região em busca de trabalho de nova oportunidade de vida. Passou por um período sem atividades e foi retomada em 1898. Inicialmente, o acolhimento era desenvolvido no bairro Monte Alegre até que, em 1904, a sede da Società foi erguida no centro da cidade.

Apesar de encontrarem dificuldades para ascensão social na cidade de Piracicaba-SP, em 1900, os italianos começavam a ganhar destaque nas artes, indústria e finança, como, por exemplo, no caso das famílias Gatti, Losso e Zanotta. Nesse período, além da Società, fundava-se o Circolo Meridionale XX de Setembro (atual Clube Cristóvão Colombo). O motivo das duas sociedades na cidade era político, visto que os republicanos participavam da Società e os monarquistas, revoltos contra o assassinato do Rei Umberto I, fundaram o Circolo Meridionale.

A Società Italiana di Mutuo Soccorso é projeto de Carlos Zanotta e foi edificada com elementos do classicismo italiano. O projeto original, simétrico, era térreo sobre porão utilizável, com uma entrada em forma de pórtico formado por colunas gêmeas dóricas e platibanda. De cada lado do pórtico, existe uma sala. Na ala posterior, com telhado independente, um teatro. Elementos que caracterizam o classicismo, como janelas geminadas em arcos plenos, balaústres e colunas estão presentes na fachada. Contudo, no interior, as pinturas de autoria de Mário e Ernesto Thomazi, de certa inspiração barroca, dá ao edifício aspecto eclético.

O edifício tombado como patrimônio histórico e cultural piracicabano, em 1992, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural (CODEPAC) de Piracicaba, é um dos únicos e típicos exemplares de teatro italiano do século passado. No local, eram desenvolvidas importantes reuniões como, por exemplo, a fundação de uma escola de música conhecida hoje como Escola de Música de Piracicaba “Ernst Mahle”. Desde 2003, o prédio também é sede da Câmara Ítalo Brasileira de Comércio e Indústria, uma das poucas delegações do Estado. Também é possível participar de aulas de italiano e de história da arte no local.

## **Inventariado**

No final da década de 1930, com Getúlio Vargas na presidência no Brasil, entrou em vigor uma lei que proibida a participação de brasileiros em entidades estrangeiras e determinou que as mesmas passassem a ter nomes em português. Filhos de italianos seguiram a decisão do Governo e demitiram-se da sociedade. Em 1938, Hélio Morganti assumiu a presidência da Società e, juntamente ao Conselho de Administração, decidiu manter as tradições, mas alterar o nome a fim de seguir a legislação brasileira: surgiu, então, a Sociedade Piracicaba de Mutuo Socorro.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, devido ao fato de a Itália apoiar os países do Eixo (Alemanha e Japão), uma vez que o Brasil apoiava os Aliados (França, Inglaterra e Estados Unidos), os italianos passaram a serem vistos como bandidos, uma ameaça à população. Desse modo, por muitas vezes, a Società encontrava-se de portas fechadas e as reuniões realizavam-se na casa dos diretores.

Em meados da década de 1950, devido a um despacho do Ministério da Justiça, a Società pode se reorganizar. Contudo, a falta de recursos fez com que cedeu o edifício, na década de 1960, ao Clube Ítalo Brasileiro com um acordo de que o clube preservaria o local, o que não ocorreu. Em 1992, um grupo de italianos natos que residiam em Piracicaba moveu uma ação judicial para a reintegração de posse do edifício. Após dois anos, o edifício voltou para mãos da Società. Contudo, o local encontrava-se em situação precária: forro infestado por cupins, goteiras, telhado danificado etc.

Quando a atual diretoria tomou posse do local, uma série de intervenções foi feita a fim de se recuperar o edifício, realizando uma série de atividades para arrecadar recursos para a recuperação do patrimônio. Um exemplo foi o evento natalino Casa Noel, em 2001, que possibilitou a remodelação da cozinha, acabamento dos banheiros, pinturas internas e externas, remodelação dos jardins etc. Sendo assim, este evento se tornou uma das programações anuais da Società.

Desde o processo de recuperação, há registro de apenas um inventariado realizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), pertencente ao Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP), em julho de 2003. Hoje, após 16 anos desse levantamento, o edifício se encontra em necessidade de novos cuidados. Em visita técnica ao local, é possível perceber, a olho nu, a presença das

janelas e portas em estado de deterioração, bem como as paredes que sofreram decapagem em estado crítico etc. Estes fatos tornam necessária uma vistoria mais detalhada, a fim de serem levantadas todas as patologias do patrimônio para, enfim, passar por um processo de recuperação.

## **A IMPORTÂNCIA DE SE CONSERVAR A MEMÓRIA COLETIVA ATRAVÉS DO EDIFÍCIO**

Em seu texto sobre o estrangeiro, Georg Simmel (2005) não o classifica no sentido costumeiro, na ideia de que é àquele que vem hoje e amanhã retorna ao seu local de origem, mas sim àquele que vem hoje e tem a possibilidade de se estabelecer no local que determinou como destino. O autor ainda coloca o estrangeiro como um elemento natural nas relações positivas da sociedade, uma vez que ele gera interações específicas, dinamizando o local em que se estabelece pela objetividade:

(...) a expressão para esta constelação de significados encontra-se na objetividade do estrangeiro. Porque este não é determinado a partir de uma origem específica para os componentes singulares de um social, ou para as tendências unilaterais de um grupo. Vai além, faz frente a estes com uma atitude particulares "objetiva", que significa não uma simples distância e indiferença, mas um fato especial da distância e da proximidade. Fato especial dado pela relação ambígua entre insensibilidade e envolvimento (SIMMEL, 2005, p.267).

O estrangeiro se destaca na comunidade que se insere por suas particularidades (como cultura e idioma) que faz com que, à vezes, nunca se insira totalmente em um grupo. Já as relações que se estabelecem entre a pessoa que vem de fora e a população local podem se dar de duas formas: proximidade - quando a cidadania se iguala, por termos sociais, criando-se laços internos; afastamento - quando o laço que os conecta é abstrato e o "estranho" se encontra mais perto do distante.

É de extrema importância ressaltar que aqueles que se estabelecem em terras desconhecidas, acabam por deixar descendentes que acabam por se familiarizar com a cultura de origem dos familiares, criando vínculos e memórias com sítios distantes aos seus. E é nessa descrição em que se encaixam os italianos e descendentes dos mesmos que se encontram em Piracicaba.

Como já visto anteriormente, os italianos guardam memórias de um passado remoto e ainda possuem costumes enraizados. A cidade de Piracicaba conta com a Società

Italiana di Mutuo Soccorso, casa dos italianos em Piracicaba, e uma das poucas sociedades de estrangeiros ainda fortemente ativa na cidade.

Desde a fundação, a Società tinha por objetivo ajudar os filhos da Itália, unir os imigrantes, realizar apresentações de danças, teatro, música, jogos, bailes, ensinar o idioma falado nas terras em que se fixaram. Os italianos, conhecidos por sua hospitalidade, alegria e cultura, ainda hoje deixam marcas para seus descendentes que sentem orgulho de fazerem parte da família “buona gente”. Hoje, entre os piracicabanos, mais da metade deles é de ascendência italiana e a busca por aprender o idioma, bem como por atividades que remetam sua cultura cresceu.

Maurice Halbwachs (2013) trata sobre memória coletiva, momento em que a memória não possui apenas aspecto individual, visto que memórias isoladas não são apenas dos indivíduos uma vez que nenhuma recordação coexiste isolada de um grupo social. Ao analisar o texto de Halbwachs, Silva (2016, p. 248) afirma:

a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais está inserido e conseqüentemente é influenciado por eles, como por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

A tomada de consciência dos italianos e descendentes a respeito das atuais ameaças acerca da identidade humana, do estatuto duplo dos seres humanos envolvidos em uma dupla e intrincada relação entre os mundos da natureza e cultura, da mesma maneira que a institucionalização das sociedades humanas não é disseminada apenas pelo uso e diferença de suas línguas, mas igualmente pelos diferentes modos de sua inserção espacial e temporal no mundo são apenas alguns fatos que devem ser levados em consideração a fim de se resistir e combater as diferenças esquecidas e desvalorizadas, com intuito de seguir o presente com as singularidades espirituais e materiais que caracterizam as heranças humanas (CHOAY, 2011).

As três lutas a serem enfrentadas, de acordo com Choay (2011), para que a recuperação e conservação do patrimônio sejam estabelecidas são: educação e formação, empregar os princípios morais de nossos patrimônios (ou heranças edificadas) e, por fim, a participação conjunta para se conservar o patrimônio vivo:

1. (...) exploração concreta do espaço construído como seu meio natural, esses espaços concretos cujo conhecimento e reconhecimento são ocultados pela hegemonia do espaço virtual;
2. (...) dotar esses lugares de novos usos à demanda societal contemporânea; renunciar ao dogma de sua intangibilidade e ao formalismo histórico da restauração; saber proceder às transformações necessárias, associando o respeito ao passado e à aplicação de técnicas contemporâneas de ponta
3. É necessário pontuar, dentre nossas estratégias de resistência à normalização planetária, o papel das associações locais de cidadãos e de todas as estruturas administrativas locais abertas à participação de seus administrados (CHOAY, 2011, pp. 39-41).

### **A contribuição de Alois Riegl (1858-1905)**

Alois Riegl (1858-1905), historiador da arte vienense, tendo assumido, em 1902, a superintendência da Comissão Central para a Conservação dos Monumentos Históricos e Artísticos do Império Austro-húngaro, escreve, em 1903, a obra “O Culto Moderno dos Monumentos” que, em um primeiro momento, era uma conferência orientada a um público erudito. O escrito vem a se tornar de extrema importância e relevância para questões como tutela e conservação dos monumentos históricos.

Riegl divide sua obra em três partes, sendo:

- 1.A primeira parte uma apresentação geral dos valores que são atribuídos aos monumentos, bem como sua evolução histórica;
- 2.A segunda parte, que trata sobre os valores de memória (ou de rememoração) e o vínculo que estabelece com o culto dos monumentos
- 3.Por fim, a terceira e última parte tratando acerca dos valores de contemporaneidade e a relação estabelecida com o culto dos monumentos.

Para Riegl (2014, p. 31), o monumento, no senso comum, nada mais é do que uma criação humana cuja a intenção é conservar o presente para as gerações futuras a lembrança de um feito (ou mesmo destino). Seguindo essa linha de raciocínio, o monumento preserva a conservação da memória coletiva de um grupo, povo ou sociedade. Françoise Choay (2011, p. 18) afirma:

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e

selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.

No primeiro capítulo de “O Culto Moderno dos Monumentos”, o autor afirma haver dois tipos de monumentos: os intencionais, referente aos períodos mais recuados da cultura humana; e os não-intencionais, que são monumentos artísticos e históricos, aos quais a significação atribuída é dada pelo homem, não pela destinação original.

Até o século XV, conhecia-se apenas os monumentos intencionais. Contudo, a partir de então, na Itália renascentista, as obras da Antiguidade Clássica passam a ser reconhecidas pelo valor histórico e artístico. De acordo com Riegl (2014, p. 45), a mudança é caracterizada:

(...)pela tendência cada vez maior de entender toda a experiência física e psíquica, não mais na sua essência objetiva, como em geral se dava nos períodos precedentes da civilização, mas em sua aparência subjetiva, ou seja, por meio dos efeitos sensorial-perceptível ou intelectual conscientes que ela exerce sobre o sujeito. Tal tendência é expressa claramente pela transformação do valor de memória, de tal forma que o valor histórico que, por assim dizer, situa-se objetivamente frente ao sujeito observador, ganha em interesse, ao passo que o valor de antiguidade é, em princípio, totalmente abstraído do fenômeno específico localizado.

Alois Riegl divide seus valores em dois grupos: o referente à memória e o referente à contemporaneidade. O primeiro grupo abrange os valores de histórico, antiguidade e rememoração intencional; já o segundo, os valores de uso e artístico. De acordo com AZEVEDO (2010-2011, p. 25 *apud* AZEVEDO, 2012, p. 42), o valor histórico já compunha parte da disciplina da preservação desde os primórdios; valor de rememoração intencional procedeu da própria sociedade; valor artístico oscila, uma vez que segue os gostos de cada época; valor de antiguidade foi o último a aparecer, sintetizando a evolução do conceito da disciplina da preservação.

Por privilegiar a instância histórica, a conservação integral encara como opostas e inconciliáveis, em seu âmago, a restauração e a conservação; retomando uma discussão que tem raízes no século XIX e perpassa pelas formulações de Didron, Ruskin, Morris, Boito e Riegl; reflexão sobre realidade mais variada e abrangente.

De acordo com Kuhl (2017, pp.29-30), Carbonara e Miarelli Mariani analisam a vertente como relação dialética das instâncias estética e histórica, que em certos casos, através do juízo histórico crítico (juízo de valor); conservação não é mero apêndice do restauro, nem grau de intervenção, como exposto, por exemplo, na Carta de Veneza; conformação decorre também da passagem do objeto pelo

tempo e a instância histórica deve ser respeitada de modo absoluto; matéria preservada tal qual chegou aos dias de hoje; poderia resultar na prevalência da instância estética, com ações tais como a remoção de adições ou tratamento de lacunas com vistas à reintegração da imagem. Ainda, essa vertente retoma posições de Alois Riegl, uma vez que tratam a obra como fato histórico e documento histórico.

Por fim, Carbonara (1997, p. 226) conclui:

observamos como Riegl conjuga um trabalho de radical repensamento e, pode-se dizer, de fundação conceitual, único e para muitos ainda hoje insuperado; mas nenhum antes dele se deteve com tanta perspicácia sobre a análise das razões mesma do conservar, procedendo sempre com rigor dentro do campo estritamente disciplinar, sem desvios nem quedas no senso sociológico e moralista de um lado, étnico-político e nacionalista de outro. [...] Aquilo que ao contrário se apresenta com um diferente grau de definição, tanto é, em boa medida, demandado da sensibilidade do indivíduo conservador, quanto da proposta operativa, são as consequências práticas e aplicativas de uma finíssima premissa; por isso, talvez justamente, cada especificação torna-se inútil quando são garantidas a boa disposição, a preparação, o equilíbrio de juízo, o bom senso do restaurador (*apud* CUNHA, 2006, p. 14).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Questões acerca do valor histórico de um monumento sempre surgem na sociedade. Alguns exemplos são: “Qual a relevância de um patrimônio para a sociedade? ”, “Quem define o patrimônio como tal?” e, até mesmo, sobre a quem pertence o patrimônio. As ações preservacionistas em relação aos monumentos da sociedade moderna são tidas como importantes para a memória coletiva, uma vez que criam uma ponte afetiva, sensorial, cognitivo entre passado x presente.

Alois Riegl, historiador da arte vienense, é de extrema importância para os estudos de preservação, conservação e restauração dos monumentos, enquadrando-se na linha da pura-conservação, na qual seus defensores não separam os valores históricos e artísticos de uma obra de arte. Ainda, afirmam que a decisão do que deve ou não ser removido de uma obra não pode ser apoiado em juízo histórico-crítico, uma vez que todas as estratificações pela qual a obra passou devem permanecer na mesma.

Ao estudar os monumentos históricos, Riegl levava em consideração as diferentes percepções que os mesmos causavam nos indivíduos – observava a recepção, percepção e fruição dos mesmos. De acordo com Azevedo (2017), em “O culto

moderno dos monumentos”, Riegl afirma que uma obra de arte é reconhecida como patrimônio no momento em que surge o debate acerca de dois impulsos opostos em relação ao objeto: um ligado ao passado, e outro ligado ao futuro. Na maioria das vezes, o que resulta disso são interesses de grupos específicos.

O caso da Società Italiana di Mutuo Soccorso, localizada na cidade de Piracicaba/SP, não foge à regra do esquema de, principalmente, valor histórico explicado por Riegl. Os monumentos históricos, para ele, são testemunhos de todas as atividades humanas. A cidade de Piracicaba/SP recebeu um grande contingente de imigrantes italianos entre os séculos XIX e XX e isso tem grande reflexo na configuração cultural da população ali residente. Considerada “a casa dos italianos em Piracicaba”, a Società Italiana di Mutuo Soccorso, que abrigava e acolhia “os filhos da Itália” nos séculos passados, é um marco hoje não apenas para seus descendentes, mas para todos que se identificam naquela cultura, seja pela língua, pelas artes, pela culinária, pela literatura.

O edifício passou por um longo período de negligência até ser retomado pelos italianos e tombado pelo CODEPAC, em nível municipal, em 1992. Desde então, até os dias atuais, o edifício passou por muitas alterações e, atualmente, encontra-se em estado precário de conservação. Como um monumento histórico é, também, um documento histórico. Sendo assim, ele deve passar por vistorias periódicas a fim de cessar seu processo de degradação, mas considerar todas as etapas de intervenção que sofreu, uma vez que elas se tornam parte do monumento. Giulia Carlo Argan (1995) vem reiterar essa discussão, afirmando que a cidade, construída pelo homem, é um testemunho de suas memórias e valores.

A atenção em se preservar e conservar bens históricos surge no momento em que o homem compreende sua história através do passado e busca desenhar sua própria história. Embasando seu discurso, os bem edificáveis são importantes fontes de memória e história. Preservar essa memória não é apenas preservar o monumento, mas preservar, também, toda uma cultura enraizada na sociedade piracicabana

## REFERÊNCIAS

ALLEONI, O. N. **Uma fresta para o passado**: A presença italiana em Piracicaba. Décadas de 1880 e 1890 e vislumbres do século XX. Piracicaba: Unimed, 2003. 294 p.



ALVIM, Z.M.F. **Brava Gente!** Os italianos em São Paulo (1870-1920). São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.

ARGAN, G. C. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

AZEVEDO, M.M.M. Uma aproximação à abordagem da conservação em Alois Riegl: os valores e a fruição do patrimônio. **Arquimemória 5: Encontro nacional sobre preservação do patrimônio edificado**. Salvador, nov/2017.

\_\_\_\_\_. Valor de Antiguidade, Conservação e Restauo. **Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP** 19, n 32, dez/2012, pp.38-61. Disponível em: < (PDF) Valor de antiguidade, consideração e restauro (researchgate.net)>. Acesso em 12 de maio de 2021.

CHOAY, F. **O Patrimônio em Questão** – antologia para um combate. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

CONSELHO DE PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DE PIRACICABA (CODEPAC).

CUNHA, C. dos R. e. Alois Riegl e o Culto Moderno dos Monumentos. **Revista CPC**, São Paulo, v. 1, n. 2, maio/out. 2006, pp. 6-16.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PIRACICABA (DPH – IPPLAP).

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA (IPPLAP).

KUHL, B.M. **AUH 412 – Notas de aula 2017**. Disponível em: < [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3199577/mod\\_resource/content/1/AUH412\\_2017NotasdeAulaBKuhl.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3199577/mod_resource/content/1/AUH412_2017NotasdeAulaBKuhl.pdf) >. Acesso em 12 de maio de 2021.

PIACENTIN, C. Imigrantes italianos são maioria na cidade. **Jornal de Piracicaba**. Piracicaba, maio/2014.

RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem** . São Paulo: Perspectiva, 2014, 88 p.

SILVA, G. F. da. A memória coletiva. **Revista Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, 2016, pp. 247-253.

SIMMEL, G. **O estrangeiro**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. João Pessoa: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (RBSE), vol. 4, n. 12, pp. 265-271, dez/2005.